

## **Uma teoria democrática de educação em museu: Democracia e museus**

**George E. Hein**

Lesley University – Estados Unidos

### **Introdução**

Há alguns anos, tenho tentado elucidar uma teoria da educação adequada para museus, que considera os objetivos e as práticas específicas da educação em uma sociedade progressista e democrática. Essa frase, por si só, exige mais detalhamento.

Primeiro, por que essa tarefa altamente teórica é válida? Educadores de museus, como todos educadores estão sobrecarregados e precisam de tempo para resolver questões de ordem prática. O que fazer com as turmas de escolas que virão amanhã? Como acomodar a multidão de visitantes esperada para a abertura de uma grande exposição, quando vários funcionários (se houver algum) estiverem de férias? Como justificar as minhas despesas quando houve cortes no orçamento da diretora e existe uma obra de arte maravilhosa que ela quer comprar? Apesar das preocupações do dia a dia que preenchem as nossas vidas, acredito no valor de reafirmar constantemente a importância da educação para toda a área de museus, e de considerar os objetivos e as razões pelas quais aceitamos os desafios e dificuldades de realizar um trabalho educacional em museus.

Os museus públicos são primeiramente e, antes de qualquer coisa, instituições educativas. Eles simplesmente não seriam museus sem os visitantes. Se o público não vier para ser entretido, se emocionar, aprender e/ou se engajar-se esteticamente, aquele lindo prédio com a fachada impressionante e os degraus que levam à entrada imponente (ou aquela gaiola moderna de vidro com ângulos deslumbrantes e luzes que se refletem dos painéis de metal) não será um museu. E todas essas interações

que provocam as emoções e envolvem a mente podem ser educativas. Vivenciar experiências é educativo e, na medida em que as exposições e os programas de museus têm a finalidade de proporcionar experiências às pessoas, estes são educativos. Se retirarmos os visitantes dos museus ainda teríamos arquivos visuais (e táteis), armazéns para tesouros, ou talvez, em alguns casos, somente depósitos. Porém, embora valorizemos o conteúdo de nossas instituições, sem os visitantes elas não seriam os templos públicos das musas. Estas ganham sentido e identidade através da interação entre os visitantes e os conteúdos dos museus.

Se temos instituições educativas, então vale considerar as teorias que seguimos em nossos esforços educacionais. Como educadores temos que acreditar que o conhecimento é melhor do que a ignorância. E o autoconhecimento, a compreensão do quê e por que fazemos, é fundamental para realizar o nosso trabalho de forma racional e mais produtiva. Existem algumas pessoas entre nós que conseguem ter sucesso com base em intuição, que podem "sentir" só por estar vivenciando o momento. Conheci alguns professores intuitivos maravilhosos em museus e escolas, porém, para a maioria, refletir sobre o nosso trabalho, analisar por que fazemos certas coisas e reconhecer abertamente os nossos objetivos, é uma forma mais adequada de melhorar o nosso trabalho e obter satisfação dele.

Em segundo lugar, o que foi dito até agora se aplica à educação em geral. Porém, o meu interesse, e espero que seja o seu, é em um tipo específico de educação, aquele adequado a uma sociedade democrática progressista. A democracia, neste caso, refere-se ao tipo de governo, um em que os cidadãos elegem representantes como líderes e o governo precisa seguir as leis que estão sob o controle dos cidadãos, com o princípio de que cada membro adulto da sociedade tem o mesmo direito de participação e de pronunciamento na determinação das leis e de suas aplicações. Todos nós temos consciência dos problemas de realizarmos isso em nossas respectivas sociedades, mas existe, pelo menos, um entendimento comum de que fazemos o melhor possível para apoiar as práticas democráticas de direito.

Finalmente, especifiquei não somente a educação necessária para apoiar uma sociedade democrática, mas também para uma que seja progressista. Esse último termo é o mais controverso, porque é usado na política para referir-se a uma sociedade que esteja progredindo em direção à maior justiça social. O termo exige um olhar mais crítico à nossa própria sociedade, reconhecendo que ela pode ser melhor e que temos uma visão de como esta sociedade melhorada deve ser. Tradicionalmente, o termo tem sido aplicado ao que comumente chamamos de opiniões políticas "liberais": aquelas que defendem maior justiça social, menor disparidade entre ricos e pobres, maior aceitação de todos que vivem em uma sociedade, incluindo as pessoas de raças, religiões e culturas diversas, mulheres e homens (uma causa particularmente poderosa no início do progressismo moderno) e imigrantes, assim como cidadãos estabelecidos de longa data.

### **Teoria educacional**

Para construir uma teoria sólida para a educação progressista democrática em museus, o primeiro passo é examinar a literatura disponível, sem nos limitarmos ao que já foi escrito sobre a educação em museus, mas englobando o campo mais genérico da educação. O autor de destaque sobre a teoria educacional nos Estados Unidos é John Dewey, nosso principal filósofo, que escreveu extensivamente sobre todos os tópicos filosóficos, incluindo a educação. Convenientemente, ele escreveu o livro intitulado *Democracia e Educação*, que possivelmente seja o livro mais lido em inglês sobre educação desde sua publicação em 1916, há quase um século. O livro está disponível on-line, em formato Kindle, e ainda é produzido em papel, não somente em inglês, mas em vários idiomas. Estou convencido de que quase todos os alunos da área de educação nos Estados Unidos, em algum momento, tiveram contato com essa maravilhosa obra no decorrer de suas próprias experiências educacionais e o livro tem sido discutido, elogiado, analisado e criticado desde que foi publicado. A obra é até considerada por conservadores radicais como sendo um dos "mais perigosos" ou

"piores" livros já publicados.<sup>i</sup> O próprio Dewey gostava muito do livro. Em uma de suas raras declarações autobiográficas, ele declarou que o livro representava o ponto central de sua mensagem filosófica.

*Embora o livro Democracia e Educação tenha sido por muitos anos o que melhor explicou a minha filosofia, assim como ela é, não sei se críticos filosóficos, diferente de professores, alguma vez tiveram exposição a esta obra. Já questionei se tais fatos significam que filósofos em geral, embora muitas vezes sendo eles próprios professores, não levam a educação suficientemente a sério para compreender que qualquer pessoa racional poderia considerar possível que o ato de filosofar deveria focar na educação como o interesse humano supremo, para onde outros problemas de natureza cosmológica, moral e lógica convergem. Em todo caso, essa obra é oferecida a qualquer crítico que deseje conhecê-la. (Dewey 1930, 156).*

Ele diz basicamente a mesma coisa no livro, só que ao contrário, que a filosofia de educação pode ser considerada o tópico central da filosofia:

*A filosofia pode quase ser descrita como sendo o pensamento que se tornou consciente de si. . . Quando a teoria filosófica gera consequências para as ações sociais, ela se associa à educação. Se estivermos dispostos a entender a educação como o processo de formação das disposições fundamentais, intelectuais e emocionais, voltadas à natureza e ao próximo, a filosofia pode até ser definida como a teoria geral da educação. . . . A educação é o laboratório onde as distinções filosóficas são concretizadas e postas à prova.<sup>ii</sup>*

De um ponto de vista pedagógico, ou seja, da real prática da educação, o valor do livro *Democracia e Educação* é mínimo. Ao contrário de alguns artigos anteriores de Dewey, esse não diz ao professor, administrador de escola ou educador de museu como

organizar a sala de aula do programa do museu, o que fazer amanhã ou detalhes do currículo. Em vez disso, a obra foca na natureza da educação e principalmente nos componentes de uma teoria educacional necessários para uma democracia progressista. Isso não é surpreendente, já que Dewey escreveu um volume considerável sobre a educação nos anos 1890 e no início do século 20, quando era o chefe do Departamento de Filosofia na recém estabelecida Universidade de Chicago. Como as três disciplinas de filosofia, psicologia e pedagogia foram unidas em um departamento único, ele foi responsável por desenvolver um programa acadêmico e de pesquisa para todas essas áreas. Ele iniciou o seu trabalho prático em pedagogia fundando uma escola que poderia servir de laboratório para o treinamento de professores. Alguns dos artigos desse período, especialmente a pequena peça retórica, *My Pedagogic Creed* (*Meu Credo Pedagógico*) (Dewey, 1897) aborda os principais temas do *Democracia e Educação*, embora não especifique como certas aspirações de uma sociedade *democrática* deveriam influenciar a teoria educacional. Porém, a maioria é mais pedagogicamente orientada. *The School and Society* (*A Escola e a Sociedade*) (Dewey, 1900) contém seus mais práticos e completos argumentos sobre como uma escola deve ser organizada, os detalhes de partir das experiências da criança e o tipo de atividades práticas, como jardinagem, culinária, trabalhos manuais, excursões etc., que são benéficas para o desenvolvimento do currículo e para expandir a capacidade da criança de aprender através do "fazer".<sup>iii</sup>

No livro *Democracia e Educação*, a abordagem para discutir a educação é diferente. O primeiro terço do livro é dedicado à discussão da educação como um aspecto geral do desenvolvimento humano e social e, depois, à delimitação de certas responsabilidades da educação em uma democracia. Dewey argumenta que a educação é um meio pelo qual a sociedade se perpetua. É pela educação que mantemos viva a nossa cultura de geração a geração. Isso não só é relevante para as escolas, mas para a educação em geral, incluindo especialmente (na sua época) a palavra escrita, guardada em bibliotecas como relíquia e interpretada nas escolas. Dewey também reconhecia o



papel dos museus como instituições de ensino. Ele discutia esse assunto frequentemente em cartas e descrevia sua própria satisfação ao visitar museus. Os museus faziam parte integral de suas práticas educacionais, conforme os diagramas e argumentações demonstram em *The School and Society (A Escola e a Sociedade)* (Dewey, 1900).<sup>iv</sup> Museus são elementos importantes da educação, independente da estrutura política da sociedade.

Em sociedades democráticas, de acordo com a definição de democracia de Dewey, que inclui o componente progressista, a educação tem uma responsabilidade adicional. A educação não tem somente a função de comunicar a cultura existente aos alunos, mas também de prepará-los para participarem na evolução de uma sociedade mais socialmente justa. Para realizar essa responsabilidade, a educação precisa ajudar os alunos (e os visitantes de museus) a aprenderem a trabalhar juntos para o bem social e a adquirirem as habilidades de pensamento crítico e de resolução de problemas necessárias para isso.<sup>v</sup> Em *Democracia e Educação*, Dewey defende esses métodos como o meio de proporcionar a educação que incentivará os alunos a empenharem-se constantemente para a evolução da sociedade em direção à diminuição da diferença entre ricos e pobres, se esta for excessiva (como era nos EUA na sua época), reconhecendo o valor humano de todos os membros da sociedade, incluindo os imigrantes (uma questão importantíssima na década do período entre 1890 e 1910, quando os EUA recebiam um milhão de imigrantes todo o ano) e para a preservação e aumento das liberdades civis para todos. Claro, todas essas questões são igualmente relevantes hoje, assim como eram na época em que o *Democracia e Educação* foi publicado.

O argumento político do *Democracia e Educação* centraliza-se na finalidade da educação na sociedade. Dewey argumenta que a educação é necessária em qualquer sociedade. É o meio de continuar a cultura. Se os educadores (e a cultura) estiverem satisfeitos com a sua sociedade, ou se são incapazes de imaginar (ou não o querem) uma sociedade diferente da atual, então uma educação que ensina aos seus membros

os hábitos da mente, os aspectos da cultura e as ideias do presente, está adequada. Isso, pelo menos em princípio, seria o suficiente para manter o estado atual e perpetuar a sociedade na forma que ela se encontra.<sup>vi</sup> Porém, Dewey rejeita essa posição, porque ele reconheceu (e sentiu profundamente) as falhas da nossa atual sociedade. Ele acreditava que a sociedade estava longe de ser perfeita, mas, junto com outros progressistas de sua época, tinha esperança de que houvesse evolução no sentido de melhores condições, onde essa evolução era definida como a diminuição dos problemas mencionados acima. Ele até forneceu uma análise de escravidão, alertando que embora a nossa sociedade tenha evoluído em comparação ao que era na época dos ilustres gregos (referência de modelo de democracia, apesar de aceitarem a escravidão), ainda vivenciamos a condição comum de que os indivíduos são tão limitados a sua situação econômica que permanecem incapazes de controlar sua própria conduta e precisam exercer um trabalho que não tem sentido para eles.<sup>vii</sup>

Em resumo, as escritas de Dewey propõem dois componentes para a teoria educacional progressista. O primeiro é referente à pedagogia que se aplicaria. Isso, oriundo da ênfase de Dewey na experiência como fonte de todo pensamento e desenvolvimento, exigiria que a educação partisse das experiências ("o fazer") e usaria estas como elemento para a reflexão e o pensar. A aplicação prática desse princípio é óbvia: a educação precisa ser ativa, ela precisa dar ao aluno algo para refletir, interpretar e estudar. A consequência física dessa abordagem é proporcionar uma interação com o mundo natural e social, em vez de depender da absorção de informação por alunos passivos. Na escola isso se traduz em jardins, projetos, trabalhos manuais ou qualquer outra das inúmeras formas das pessoas interagirem com o meio ambiente. Em museus, isso tem se direcionado a uma variedade de práticas que possibilitam aos visitantes usarem seus corpos e mentes para interagirem de formas criativas com materiais e objetos. Em museus de arte, além de adicionarem centros de atividade de vários tipos, isso inclui proporcionar formas do visitante melhorar a sua capacidade de observação, interagindo mais intimamente com o

material visual, em vez de simplesmente ler a etiqueta ou decidir se "gostou" ou "desgostou" de um determinado trabalho. Discutirei essas aplicações em mais detalhe mais adiante.

Porém, esse entendimento comum de que a educação progressista é uma prática que envolve os alunos (e visitantes) no "fazer" somente descreve o elemento prático desse propósito educacional. Igualmente importante para Dewey, e para todos que promovem a educação para a democracia, é o aspecto político da educação. A educação é o meio pelo qual a sociedade não só dissemina sua cultura para que ela perdure por mais de uma geração, mas é, simultaneamente, o processo que socializa novos membros à sociedade. É um processo social com um objetivo político. Novamente, se acreditamos que a nossa sociedade é perfeita e o objetivo educacional é aceitar a sociedade nas atuais condições, então o papel da educação é simplesmente transmitir valores, normas e condições atuais. Porém, se queremos que a sociedade melhore ("progrida"), então precisamos usar a educação, a única ferramenta ao nosso dispor para mudar a sociedade, para que na medida em que as pessoas se eduquem, elas passem a ter a intenção e os meios para melhorar a sociedade, aumentar a justiça social e colaborar na diminuição das desigualdades.

### **Um modelo exemplar de educação**

Quando a agenda progressista na educação é descrita de forma tão direta, assim como feito por Dewey em *Democracia e Educação*, torna-se evidente que esta é arrojada e assustadora. É também um desafio para aqueles que gostariam que a sociedade não mudasse. Quando os críticos da educação progressista argumentam que as escolas não deveriam ser "políticas" estão afirmando que, já que a educação é inevitavelmente política, então que preferem a prática atual a qualquer outra. Os conservadores radicais estão corretos em descrever o trabalho de Dewey como perigoso. O meu único desejo é ver o grande número de alunos, que são obrigados a lerem os trabalhos



de Dewey, ser capaz de incorporar as ideias dele mais amplamente nas instituições de ensino, incluindo os museus.

Existem educadores arrojados que abraçaram essas ideias e as expandiram. Nenhum é tão famoso quanto Paulo Freire, o grande educador brasileiro associado ao Recife, lugar onde nasceu e a São Paulo, lugar onde morreu 76 anos mais tarde. Não falarei dele em detalhe, pois tenho certeza de que vocês conhecem bem o seu trabalho. Da perspectiva da concepção educacional de Dewey, Freire fornece um ótimo exemplo porque ele adotou os dois componentes da agenda educacional progressista: ele defendia uma forma ativa de aprendizado, na qual não se exigia que os alunos aceitassem a informação passivamente, mas que fizessem sentido de desenhos simples, mas provocativos, que demonstravam questões sociais que estavam associadas às suas próprias vidas. O aluno assumiu um papel ativo em sua própria educação. O “fazer” de discussão e o “sentir” (reflexão) dos significados que desenvolveram foram claramente exemplos de pedagogia progressista. E a intenção de Freire, de que a educação para os trabalhadores nas plantações de cana de açúcar (e posteriormente a outros em todo mundo) poderia levar a mudanças sociais progressistas, estava igual e claramente relacionada à agenda política da educação progressista.<sup>viii</sup>

### **Práticas progressistas de educação em museu**

É instrutivo analisar os exemplos de práticas históricas de museus, assim como as contemporâneas, que refletem a agenda progressista apresentada acima. Mencionarei algumas aqui e as discutirei em mais detalhe na minha palestra.

1. Charles Willson Peale e o primeiro grande museu americano na Filadélfia. Peale foi um homem impressionante, que estava intimamente associado com as ideias iniciais americanas, sobre a criação de uma sociedade democrática e o uso da educação para preservá-la. Sob esse ponto de vista, ele agiu de acordo com a agenda política da educação progressista, dentro do contexto das

concepções do século XVIII de filosofia política e metafísica. Além disso, ele tinha ideias relativamente modernas a respeito de pedagogia, que aplicava em seu museu.

2. John Cotton Dana e Louise Connolly no Newark Museum. Esta combinação de um bibliotecário que se tornou um diretor de museu e de um administrador de escola que se tornou um educador de museu é um ótimo exemplo da aplicação das ideias progressistas, políticas e educacionais, em um museu no auge da atividade progressista dos EUA.
3. John Dewey e Albert Barnes. Albert Barnes era um industrialista muito culto que acreditava fortemente na educação e no poder de transformação da arte. As experiências educativas conduzidas em sua fábrica e no ambiente de sua fundação, parecido com um museu, com base nas ideias extraídas dos artigos do Dewey, assim como de sua amizade íntima com o autor durante 30 anos, representam um possível modelo para os objetivos políticos da educação progressista, embora o método pedagógico aplicado não tenha sido bem documentado.
4. Theodore Low, durante muitos anos o diretor do Departamento de Educação na Walters Art Gallery. Low, embora hoje negligenciado, aderiu à filosofia populista e política de educação em museu de artes, tanto em suas práticas como em seu livro publicado em 1942, *The Museum as Social Instrument (O Museu como Instrumento Social)*.
5. Trabalhos atuais de vários educadores de museu focam nos objetivos pedagógicos e políticos da educação progressista e, em alguns casos, tentam atingir os dois.

## Referências

- Dewey, J. (1897) *My Pedagogic Creed (Meu Credo Pedagógico)*, *School Journal* vol. 54 (January), pp. 77-80.
- Dewey, J. (1900) *The School and Society (A Escola e a Sociedade)*. Chicago: University of Chicago Press.
- Dewey, J. (1916) *Democracy and Education (Democracia e Educação)*. New York: Macmillan.
- Dewey, J. (1930/1998) *From absolutism to experimentalism (Do absolutismo ao experimentalismo)*, in *John Dewey: The Later Works, 1925–1953*, Vol. 5, J. A. Boydston, ed., 147–160. Carbondale, IL: Southern Illinois University.

---

<sup>i</sup> *Democracy and Education (Democracia e Educação)* está classificado em 5º lugar na lista dos "10 mais perigosos livros dos séculos XIX e XX" bem à frente do *On the Origin of Species (A Origem das Espécies)*, que recebe menção honrosa. Outra lista dos 50 "piores" livros do século XX classificou a obra em 7º lugar, à frente de John Maynard Keynes, escritores que criticam pontos de vista tradicionais de religião e romancistas provocativos. Muitos brasileiros podem estar desapontados com o fato de que Paulo Freire não aparece em nenhuma das listas.

<sup>ii</sup> Dewey, J. (1916) *Democracia e Educação*, Capítulo 24, "Philosophy of Education" ("Filosofia da Educação.")

<sup>iii</sup> A definição de Dewey para "experiência", o conceito central em sua filosofia, inclui o ato de experimentar e o processo mental de refletir sobre este ato. Em sua linguagem, experiência consiste em "fazer e vivenciar alguma coisa." O livro *Democracia e Educação* contém uma referência detalhada para esse processo. "Ao determinar o lugar do pensamento na experiência, começamos por descobrir que a experiência envolve a conexão do fazer ou do tentar, com alguma coisa que, em consequência disso, vivenciada. A separação entre a fase ativa do fazer e a fase passiva do vivenciar destrói o sentido vital de uma experiência. O pensamento é a constituição precisa e deliberada de conexões entre o que se faz e as suas consequências. O pensamento apercebe-se não apenas que existe esta conexão, mas também dos seus detalhes. Ele estabelece ligações explícitas de conexão na forma de relações. O estímulo para o pensamento é encontrado quando desejamos determinar o sentido de um ato, realizado ou a realizar. Então, prevemos consequências." (Capítulo 11, Resumo.)

<sup>iv</sup> Os museus são os "alambiques" pelos quais as experiências proporcionadas pelas atividades são convertidas em conhecimento através do elemento "vivenciar" (reflexão) da experiência. Um alambique é um tipo antigo de equipamento de destilação, usado para purificar as substâncias.

<sup>v</sup> O atual conselho popular de que a educação deveria ensinar "habilidades do século XXI" está enraizado na agenda progressista educacional, que promove os mesmos conceitos, aprender a trabalhar em conjunto, usando a imaginação, o pensamento crítico e a habilidade de resolver problemas, nos séculos XIX e XX. Infelizmente, na atual retórica educacional, essas habilidades foram desassociadas de seu foco original de usar essas habilidades para melhorar a sociedade. São normalmente promovidas conforme necessário para obter vantagem econômica nos mercados mundiais.

---

<sup>vi</sup> Dewey, um evolucionário convicto e admirador de Darwin, sabia que essa posição teórica não era possível, já que o ambiente em que os humanos viviam mudava constantemente de tal forma que, no mínimo, a nossa cultura tinha que se adaptar a estas mudanças.

<sup>vii</sup> *“Platão define o escravo como um homem que aceita de outro os objetivos que orientam sua conduta. Tal condição prevalece até quando não existe a escravidão no sentido jurídico. É percebida quando o homem está engajado em uma atividade que contribui para o meio social, mas sem entender ou ter interesse pessoal pelo serviço prestado.”* (Dewey, 1916, p. 85)

<sup>viii</sup> A associação dos trabalhos educacionais de Freire à democracia e justiça social foi dramaticamente demonstrada pela supressão de suas atividades e sua apreensão e expulsão por autoridades nada democráticas.